



24 de Setembro de 2015

EM DIA

4 A 1 E AINDA HÁ JOGO



PEDRO DUTRA FONSECA
Professor Titular do Departamento de Economia
e Relações Internacionais da UFRGS

A gravidade atual da conjuntura se deve muito mais à crise política do que à econômica. É claro que a economia tem seus problemas, mas o país já passou por dificuldades maiores, como na década de 1980, com dívidas externa e interna de crescimento exponencial, explosão inflacionária, balanço de pagamentos em frangalhos e desemprego quase três vezes maior do que o de hoje. Nem por isso chegou às vias de um rompimento institucional.

A despeito dos problemas econômicos, a então chamada “década perdida” foi rica politicamente: nessa área, predominou a negociação e a civilidade, e consagrou a democracia e o avanço da cidadania na Constituição de 1988. Os arranjos políticos, embora nem sempre estáveis, mostraram-se eficientes para propiciar soluções cooperativas para a resolução dos problemas econômicos.

Em boa medida, a “pax política” vivida no período FHC/Lula resultou dessa interação positiva entre política e economia. Tudo levava a crer que democracia política e estabilidade econômica, finalmente, tinham-se incorporado como valores à sociedade brasileira, tornando possível amalgamar crescimento com distribuição de renda – a novidade mais contrastante deste

século com relação ao século 20.

As últimas semanas têm colocado em questão o que pareciam análises consensuais, e isso repercute na economia majorando a incerteza, desde logo percebida pelos mais diferentes agentes econômicos, a ponto de grandes empresários e banqueiros apelarem ao bom senso da “classe política” – não da esquerda, como se poderia esperar, mas da maioria conservadora do Congresso. Este não abre mão dos gastos e rejeita aumento de impostos, uma equação insolúvel. Prega moralismo e ortodoxia, mas ameaça votar contra as medidas de Joaquim Levy – as quais, em tese, deveria sustentar.

O aprofundamento da crise, cuja disparada do dólar é sintoma, mostra que se chegou a outro patamar. Até então, os analistas dividiam-se quanto ao interpretar suas causas: uns enfatizavam o setor externo, como a desaceleração da economia chinesa e possibilidade de o Fed aumentar juros, enquanto outros responsabilizavam a política econômica do primeiro governo Dilma. Mas nem um nem outro explicam o fato de o dólar dobrar os 4 reais, em contraste com a previsão do Banco Central e do mercado, no início de 2015, que apontava para R\$ 2,80 ao final do ano. Como o jogo continua, espera-se que não se chegue aos fatídicos 8 a 1.